



La Comédiathèque

Coisas do Acaso

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediathèque.net>**

Coisas do Acaso

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

No Bar do Acaso, Vicky e Clara, com o carro avariado, cruzam-se com Pedro e o fantasma de Virgínia. Um lugar curioso para um encontro. Ainda mais curioso, que parece ao mesmo tempo um reencontro e um acerto de contas...

Personagens

Clara

Vicky

Pedro

© La Comédiathèque

Um bar com uma decoração bastante simples. No centro, um balcão e, à frente, três mesas, cada uma com uma cadeira. Por cima do balcão, uma placa: O Bar do Acaso. Entra uma mulher. Aparentemente, ela não conhece o lugar e fica surpreendida ao encontrá-lo vazio. Dá alguns passos e tosse para sinalizar a sua presença.

Clara (*timidamente*) – Tem alguém? (*Dá mais alguns passos e repete, em voz mais alta*) Tem alguém? Aparentemente, não há ninguém... Agora vou ficar aqui a falar sozinha... (*Hesita um pouco, depois senta-se numa das mesas, tira o telemóvel e olha para o ecrã.*) Ainda sem rede... (*Erguendo a cabeça e olhando à sua volta*) Mas que lugar é este? (*Dirige-se para o balcão*) Deve haver um telefone aqui, neste bar... (*Olha para o balcão, mas não vê nada e suspira*) Bebia um café, pelo menos... Que loucura! Qualquer um poderia entrar aqui e levar a caixa... (*Observa uma garrafa e três copos no balcão*) Bem, sempre posso beber um trago enquanto espero... (*Serve-se de um copo, bebe-o de um trago, quase a engasgar-se*) Ufff... Isto é forte, parece licor caseiro... (*Animada, quase gritando*) Tem alguém!? Não pode ser, de certeza que há um telefone em algum lugar...

Ela passa para trás do balcão e, ao procurar nas prateleiras, deixa cair um retrato emoldurado. Agacha-se para o apanhar, desaparecendo da vista dos espectadores. Entra uma segunda mulher. Ao não ver ninguém, repete o mesmo gesto que a primeira, mas com mais energia.

Vicky (*gritando*) – Não há ninguém!? (*A outra mulher, surpreendida, emerge de trás do balcão com o retrato na mão, com cara de espanto*) Ah, olá! Pensei que não havia ninguém. Posso pedir um café, por favor.

Clara – Ah, não... É que...

Vicky – Não importa, um chá se preferires... Tens um telefone? Não há rede aqui...

Clara – Sim, já sei... Não, mas... é um mal-entendido... Não sou a dona...

Vicky – Ok... Mas podes servir-me um café... ou um chá, não?

Clara – Também não sou a empregada... Sou uma cliente, como tu.

Vicky – Entendo... E... então, o que fazes atrás do balcão?

Clara – Bem... estava a procurar um telefone, precisamente.

Vicky – E encontraste?

Clara – Não...

Vicky – Bom... E a dona, onde está?

Clara – Não faço ideia...

Vicky – Não fazes ideia?

Clara – Como queres que saiba?

Vicky – Sei lá... Disseste que não eras a dona. Então já sabes que há uma dona.

Clara – De maneira nenhuma! Apenas quis dizer que a dona, não sou eu. Mas não sei... A dona... Pode até ser um dono...

Vicky – Entendo... Então, em resumo, não és daqui...

Clara – Exatamente...

Vicky – Como te vi atrás do balcão...

Clara – Ora, não vamos passar a noite nisto, pois não?

Vicky – Espero que não... Estou exausta...

Clara – Sim, eu também...

Vicky – Furei um pneu. Bem, na verdade, furei dois. Na estrada nacional, acho... Embora não sei se era uma nacional, provavelmente uma secundária. Mais um caminho vicinal. Enfim, furei na estrada. E acontece que só tenho uma roda sobressalente.

Clara – Ah, também?

Vicky – Pois sim... Embora uma pessoa tenha cuidado... Geralmente, ninguém leva duas ou três rodas sobressalentes na bagageira...

Clara – Não, quero dizer, também estás com o carro avariado? Porque eu também furei.

Vicky – Furaste um pneu?

Clara – Três.

Vicky – A sério? Também?

Clara – É o que estou a tentar dizer-te.

Vicky – Já percebo... E chamaste um reboque?

Clara – Pois... Como disseste... Não há rede! E também não encontrei um telefone fixo...

Vicky – Entendo...

Clara – Não sei o que vamos fazer... Ainda bem que tu também furaste...

Vicky – Achas?

Clara – Bem... Pelo menos não estou sozinha... E tu também não...

Vicky – Tranquila... Alguém vai aparecer...

Clara – Se tu o dizes...

Vicky – É um café, certo? E a porta está aberta.

Clara – Sim... (*Olhando para o letreiro*) O Bar do Acaso... Que nome para um bar. Não sei se é um bom sinal...

Vicky – Sabes trocar um pneu?

Clara – Sim, claro... Bem, acho que sim... Nunca o fiz, mas pronto... Não deve ser muito complicado... Infelizmente, como dizes... Quando só se tem uma roda sobressalente e vários pneus furados...

Vicky – É uma loucura...

Clara – A lei de Murphy...

Vicky – Cinco pneus furados em cinco minutos, isso já não é a lei de Murphy... E eu não acredito em coincidências...

Clara – Queres dizer que...?

Vicky – Alguém deve ter posto pregos na estrada, não pode ser de outra forma... Ou pedaços de garrafa...

Clara – Mas... porquê?

Vicky – Sei lá! Talvez um mecânico, para aumentar a clientela...

Clara – Nesse caso, é estranho que ele ainda não esteja aqui para fazer o serviço...

Vicky – Quem?

Clara – O mecânico! E além disso, não vi nenhuma oficina por aqui, e tu?

Vicky – Não... E por estas bandas, também não há muito...

Clara – Lembras-te daquele filme, *O Iluminado*?

Vicky – Não...

Clara – Queres que te conte?

Vicky – Prefiro que não, sinceramente...

Clara – Mas sim! É a história de uma jovem que pára num motel em plena noite porque está presa numa tempestade na estrada.

Vicky – Isso é *Psicose*.

Clara – O quê?

Vicky – Esse filme. Não é *O Iluminado*, é *Psicose*.

Clara – Ah, sim, talvez... A verdade é que não sou muito cinéfila... Aliás, não me apresentei. (*Estendendo-lhe a mão*) Clara.

Vicky (*apertando-lhe a mão*) – Vicky.

Clara – Bem... E agora, o que fazemos?

Vicky – Não sei... Acho que esperar... Que mais podemos fazer?

Vicky percorre a sala e para-se diante de uma porta (que não precisa ser visível). Tenta abri-la.

Vicky – Há uma porta, mas está fechada...

Clara – Podíamos caminhar até à próxima aldeia...

Vicky – Não sei a quantos quilómetros está a aldeia mais próxima... E com estes saltos altos...

Clara – E em breve vai anoitecer...

Vicky olha em volta.

Vicky – É curioso, tenho uma sensação estranha...

Clara – Queres dizer... uma má sensação?

Vicky – É como se eu já conhecesse este lugar.

Clara – Ah, sim?

Vicky – Como se já o tivesse conhecido antes, se preferires. Há muito tempo.

Clara – Queres dizer... noutra vida?

Vicky – Quando aqui havia uma dona, pelo menos.

Clara – Ou um dono...

Vicky aproxima-se do balcão.

Vicky (olhando para o retrato) – O que é essa foto?

Clara – Um retrato... Acho que parti o vidro... A dona vai ralhar comigo...

Vicky pega no retrato e examina-o.

Vicky – É estranho...

Clara – Não me digas que esse retrato também te soa a algo, porque isto começa a dar medo...

Vicky – Não sei... Não é só a foto... É uma sensação de déjà vu... A impressão de já ter vivido esta situação antes...

Clara – Como dizes?

Vicky – Nunca te aconteceu? A sensação de estar a atuar num filme que já viste, sem te lembrares do final.

Clara – Espero que o teu filme tenha tido um final feliz...

Vicky – Não sei...

Clara – Bom, então eu vou beber mais um trago. (*Pega na garrafa e serve-se de um copo*) Queres um?

Vicky – O que é isso?

Clara – Não faço ideia. Perguntamos quanto devemos quando a dona chegar.

Vicky – Combinado.

A outra serve-lhe um copo. Brindam.

Clara – Bom... Não vamos desanimar por causa de um pneu furado.

Vicky – Tens razão.

Clara – Embora, no nosso caso, entre as duas, somem cinco...

Bebem os copos de um trago.

Vicky (*fazendo uma careta*) – Mas o que é isto?

Clara – Não há nada escrito na garrafa. Nem sequer tem rótulo...

Vicky – A dona deve destilá-lo na sua cave com um alambique clandestino.

Clara – Achas que podemos meter-nos em sarilhos?

Vicky – Não achas que já estamos metidas em sarilhos? Perdidas sozinhas no meio da noite neste Bar do Acaso... que se parece muito com o Motel Bates do Psicose. Começo a perguntar-me se realmente quero que alguém apareça aqui, no final das contas...

Clara olha-a, inquieta. Pedro entra, com uma mala de viagem na mão. Ao abrir e fechar a porta, ouve-se um trovão e vê-se o clarão de um relâmpago.

Clara – Estamos salvas! Aí está o dono...

Vicky parece mais cautelosa. O homem avança para o balcão, com precaução.

Pedro – Olá...

Vicky – Já estávamos a perguntar-nos se havia alguém.

Pedro – Há alguém?

Clara – Não é o dono?

Pedro – Não... Estava só a passar por aqui e...

Vicky – Não me diga que também furou um pneu...

Pedro – Como é que sabe?

Clara – Quantos?

Pedro – Quantos...?

Clara – Quantos pneus?

Vicky – Quantos pneus furou?

Pedro – Não vai acreditar...

Clara – Quatro?

Pedro – Quatro.

Vicky – Pois bem... Os meus respetos...

Pedro – Então vocês também... furaram um pneu.

Vicky – Sim...

Pedro – Imagino que mais do que um pneu, caso contrário já teriam trocado o pneu, como eu.

Clara – Três.

Vicky – Dois.

Pedro – Isto é impossível... É uma emboscada!

Vicky – Sim, era o que pensávamos...

Clara – Pelo menos, agora que está aqui, sentimo-nos um pouco mais tranquilas.

Pedro – Ah, sim?

Clara – Não, quero dizer... com um homem.

Vicky – Sim... A menos que seja ele.

Pedro – Eu?

Clara – Ele, o quê?

Vicky – Ele, quem deixou esses pregos na estrada.

Clara – É mecânico?

Pedro – Eu? De maneira nenhuma! Digo-lhe que furei um pneu, tal como vocês. Por que razão teria eu posto pregos na estrada para furar os meus próprios quatro pneus?

Vicky – Bom... Concedo-lhe o benefício da dúvida.

Pedro – Agradeço pela confiança. Estou muito comovido...

Vicky – Desculpe-me, mas há tanto louco à solta...

Pedro – É verdade que este sítio lembra um pouco o motel do Psicose, mas vá lá... Tranquilas, não tenho a minha mãe empalhada no andar de cima. (Pausa, pensativo) Embora...

Clara – Embora o quê?

Pedro – Não sei... Uma sensação...

Vicky – Ah! Tu também?

Clara – Conhecem-se?

Pedro – Não...

Vicky – Bem, acho que não...

Clara – Não, porque acabaste de tratá-lo por tu...

Vicky – Tratei-o por tu?

Pedro – Não sei...

Clara – De qualquer forma, se vocês estão a conspirar para me pregar um susto, não acho graça nenhuma.

Pedro – Infelizmente, os meus quatro pneus estão furados. Não é brincadeira. E o meu telemóvel não tem rede. Há algum telefone aqui?

Vicky – Já procurámos por toda a parte e não encontramos nada.

Pedro – Bom, então, o que fazemos?

Clara – Estávamos a contar um pouco contigo para nos dizeres...

Pedro – Portanto, agora estamos todos a tratar-nos por tu, não é?

Vicky – Se estamos condenados a passar a noite juntos aqui.

Pausa.

Pedro – Então, não há mesmo ninguém?

Clara – Ninguém... É uma loucura...

Vicky – Há uma porta ali, mas está trancada...

Pedro – Ah, já percebo... Melhor... Quer dizer, que pena...

Pausa.

Vicky – Não estás de sapatos de salto alto, pois não?

Pedro – Não... Hoje não... E então?

Vicky – Podias caminhar até à aldeia mais próxima. Para chamar um mecânico.

Pedro – A aldeia mais próxima...? Sim, podia...

Clara – Mas?

Pedro – Digamos que... prefiro não vos deixar aqui sozinhas.

Clara – Confesso que isso me tranquiliza. (*Para Vicky*) E a ti?

Vicky – O que me tranquilizaria era poder sair daqui o mais rápido possível. Porque se ninguém se decide a ir buscar ajuda, não sabemos quando é que isto tudo vai acabar...

Pedro – Nem como...

Clara – Ajuda? Até agora só falávamos de um mecânico. Isto começa a dar mesmo medo...

Ouve-se um trovão. O homem aproxima-se de uma suposta janela.

Pedro – Está a chover torrencialmente e a noite está cerrada.

Vicky – Não nos deixes sozinhas... Diz antes que tens medo...

Pedro – Não me apetece sair em plena tempestade, no meio da noite, para encontrar uma aldeia que talvez esteja a quilómetros. Chamo-lhe prudência...

Vicky – Chama-lhe o que quiseres.

Clara – Não comecemos a discutir! Se queremos sair daqui, temos de nos manter unidos.

Vicky – Tens razão, desculpa...

Clara – Podia ser pior... Pelo menos estamos abrigados.

Vicky – Sim... Mas se temos de passar aqui a noite... Eu não estava a contar com isso.

Clara – Nem eu. E mesmo que tivesse uma mala na bagageira... Com esta chuva...

Pedro – E não creio que possamos contar com o serviço de quartos...

Vicky – Tu, ao menos, vieste com a tua mala. És daqueles que preveem as coisas...

Pedro (*olhando em volta da sala*) – Não tenho a impressão de que os donos vivam aqui.

Clara – Vi algumas casas em ruínas, mas nenhuma luz.

Vicky – Sim, parece uma aldeia abandonada.

Clara – É estranho, um bar aberto, assim plantado no meio do campo, numa aldeia fantasma.

Pedro – Especialmente um bar sem dono e sem clientes.

Clara – Bom, nós estamos aqui, mas... Não é que tenhamos escolhido... Queres um gole deste brebagem, para te animares um pouco?

Pedro – Obrigado, prefiro não beber álcool.

Vicky – Tens razão, é melhor que um de nós se mantenha lúcido. Serás o nosso condutor designado.

Clara – Infelizmente, o senhor não poderá levar-nos a casa completamente bêbadas, já que os nossos três veículos estão fora de serviço.

Vicky – Sinto-me como uma naufraga numa ilha deserta.

Clara – Sim, naufragas na estrada...

Vicky – Bem, deserta... não completamente...

Clara – Preferias estar sozinha?

Vicky – Não... Mas se alguém tivesse uma ideia para nos tirar daqui...

Pausa.

Pedro – Que carro tens?

Vicky – Um Twingo vermelho, porquê?

Pedro – E tu?

Clara – Igual. Bom, o meu é mais azul.

Pedro (*para Clara*) – E dizes que tens dois pneus furados. Se colocarmos as duas rodas sobressalentes no carro da senhora, um dos três poderia ir até à oficina mais próxima.

Vicky – Sim, faz sentido...

Pedro – Pergunto-me por que é que não vos ocorreu antes... Bom, deem-me as chaves dos vossos carros. Onde estão estacionados?

Vicky – Espera, não tão depressa... Há pouco, o senhor não queria sair à chuva com medo de se molhar...

Pedro – Sim, mas agora temos uma oportunidade de não passar aqui a noite.

Clara – A senhora tem razão. O que nos garante que não vais fugir daqui com os nossos dois carros?

Pedro – Para começar, cinco dos oito pneus estão furados. E além disso, seria bastante difícil fugir daqui a conduzir dois carros ao mesmo tempo...

Vicky – Sim, mas uma vez que tenhas feito o arranjo e te vás embora, supostamente para buscar um mecânico. O que nos garante que voltarás para nos buscar?

Clara – Desculpa-nos, mas... No fim de contas, não te conhecemos. Podias perfeitamente ser um ladrão que organizou tudo isto para roubar um carro.

Pedro – Um Twingo? Acredita, se eu fosse um ladrão de carros, teria escolhido algo mais fácil, e um modelo mais caro.

Vicky – Ao mesmo tempo, espalhar pregos na estrada é como lançar uma rede no mar. Nunca se sabe se vai cair um peixe grande ou pequeno... Bem, eu entendo-me...

Exasperado, o homem tira um molho de chaves do bolso e estende-o para elas.

Pedro – Bem, aqui têm as chaves do meu 4x4...

Clara – Sim, mas como sabemos que tens o carro que dizes ter? Nós não vimos esse carro. Tu viste?

Vicky – Não...

Pedro – Só têm de vir comigo. Trocar duas rodas à chuva. E percorrer quilómetros de estrada de montanha em plena noite com um desconhecido. Tudo isso para encontrar uma oficina fechada, acordar o mecânico e usar os vossos encantos para convencê-lo a vir ajudar-nos.

Clara – Visto assim...

Pedro – As duas são bastante desconfiadas, mas enfim... Não estão realmente em posição de negociar... Portanto, digamos que é aceitar ou deixar, está bem?

Vicky pega no molho de chaves que Pedro lhe estende.

Vicky – Ok... O meu carro está estacionado mesmo em frente, no parque.

Clara – O meu também.

As duas mulheres entregam-lhe as suas chaves.

Pedro – Volto para vos buscar o mais rapidamente possível. Com um mecânico...

Ele sai, deixando a sua mala de viagem.

Clara – Acho que podemos confiar nele, não?

Vicky – Temos realmente outra opção? (*Olha para o molho de chaves*) BMW... Um carro de narcotraficante...

Clara – E ainda por cima deixou a mala... (*Aproxima-se da mala*) Pergunto-me o que terá lá dentro.

Vicky – Não sei... Drogas?

Clara – Achas?

Vicky – Dá uma espreitadela!

Clara hesita e está prestes a abrir a mala quando o homem volta.

Pedro – Desculpem... Esqueci-me disto...

Vicky – Não a quer deixar aqui? Porquê?

Pedro – Digamos que eu também sou um pouco desconfiado...

Sai novamente, levando a mala.

Clara – Resta-nos apenas esperar, então...

Vicky – Sim... Rezando para que esse canalha realmente volte para nos buscar.

Clara – Nunca saberemos o que levava nessa mala.

Vicky – Parece que ela é importante para ele, de qualquer maneira...

Clara – Queres outro trago?

Vicky – Não seria muito razoável... Não sei o que é, mas é forte...

Clara – Eu também começo a sentir-me zozna. Espero que esse sádico não nos tenha drogado...

Vicky – O quê?

Clara – Se tudo isto for uma armadilha... Pode ser que ele tenha deixado essa garrafa no balcão com drogas lá dentro. Para abusar de nós depois...

Vicky – Violarmo-nos às duas e depois fugir com os nossos velhos Twingos a cair aos pedaços? Acho que, nesse caso, teria escolhido modelos mais recentes... e mais luxuosos.

Clara – Em terra de cegos, quem tem olho é rei...

Vicky – Já não ouvia essa expressão há muito tempo... A minha tia sempre dizia isso quando eu era pequena... Alguma vez comeste tortas?

Clara – Não... Mas se ficarmos aqui uma semana, não sei o que acabaremos por comer.

Pausa.

Clara – Alguém te espera?

Vicky – Não, ninguém em especial. E a ti?

Clara – A mim, também não... Dá para acreditar? Ninguém notaria a nossa ausência...

Vicky – Pelo menos, não antes de alguns dias.

Clara – Normalmente, nunca passo por aqui. Quis atalhar. Nem sequer sei bem onde estamos.

Vicky – E não é com os nossos telemóveis que poderiam localizar os nossos corpos. Não há rede...

Clara – Ao menos dás esperança.

Vicky – E ele, o que estará a fazer aqui?

Clara – Não sei... E tu?

Vicky – Eu, o quê?

Clara – O que fazes por aqui?

Vicky – Aqui? Também não sei muito bem onde estamos. Ia a um funeral, numa aldeia perdida. O GPS avariou-se. Nunca a encontrei. Só estava a tentar voltar para casa...

Clara – Alguém da família?

Vicky – Uma tia-avó cuja existência eu quase tinha esquecido. A mesma de quem te falei antes. Nem sei por que continuo a ir a estes funerais.

Clara – Quando uma recebe um aviso de falecimento, sente-se sempre um pouco obrigada.

Vicky – Pois... E como ela não tinha herdeiros diretos, deixou-me uns milhares de euros. O que tinha na conta poupança. Eu devia-lhe ao menos isso. Mas, enfim, depois de pagar este maldito funeral, pergunto-me se não vou acabar a perder dinheiro...

Clara – E nem sequer pudeste assistir...

Vicky – Imagino que ninguém tenha notado a minha ausência... Sobretudo se não havia mais ninguém no funeral dela. Era uma cabra. Toda a gente a odiava.

Clara – Tu também?

Vicky – Durante as férias de verão, os meus pais trabalhavam. Podiam ter-me mandado para a casa dela. Ela vivia no campo. Mas tinha sempre uma boa desculpa para se esquivar. Por isso, os meus pais mandavam-me para colónias de férias. Passei muito tempo em colónias... Até aos quinze anos. E tu?

Clara (*pensativa*) – Colónia?

Vicky – O que fazias por esta zona?

Clara – Ah, sim... Vais rir-te, mas eu também ia a um funeral.

Vicky – Pois é engraçado, na verdade. Não me digas que era o funeral da minha tia, que somos primas e que vou ter que dividir a conta poupança dela contigo...

Clara – Não, era o funeral do meu marido.

Vicky – Ah... Lamento...

Clara – Não, mas já estávamos separados há mais de dez anos. Fui por obrigação, também. Enfim, é uma página virada.

Vicky – Sim...

Clara – Eu nem sequer posso esperar herdar a conta poupança do meu marido, o divórcio foi decretado há pouco tempo, depois de anos de processo.

Vicky – Isso é realmente azar.

Clara – Pois... Embora me tivesse dado jeito. Estou farta de trabalhar todos os dias, até aos domingos e feriados, por um salário miserável.

Vicky – E o que fazes?

Clara – Sou auxiliar de enfermagem.

Vicky – Que trabalho de merda, não?

Clara – Sim... E tu?

Vicky – Assistente de contabilidade. Não é muito mais divertido, mas pelo menos é menos sujo...

Clara – És casada?

Vicky – Viúva... Três vezes.

Clara – Desculpa...?

Vicky – Casada três vezes. Viúva três vezes. Parece que o casamento não é o meu forte.

Clara – Ah, bem, isso não é comum... Lamento muito...

Vicky – Acredita, não é fácil encontrar um candidato para ser o quarto...

Clara – Então, se percebi bem, também tu não és muito feliz...

Vicky – Há pessoas assim, que não são feitas para a felicidade...

Clara – Talvez devesse tentar ver alguém.

Vicky – Fui a um analista durante cinco anos. Custou-me um rim.

Clara – E...?

Vicky – Depois de cinco anos, percebi que a única coisa que ficava mais leve após cada sessão era a minha conta bancária.

Clara – Então deixaste de ir...

Vicky – Sim... Mas antes, assegurei-me de recuperar o investimento.

Clara – Desculpa?

Vicky – Os psicanalistas cobram tudo em dinheiro, sabes. Tudo em preto. Vi onde ele guardava as notas de cinquenta. No último dia, levei a caixa enquanto ele estava ao telefone com a próxima vítima.

Clara – E ele não te denunciou?

Vicky – Não... Ele também não devia sentir-se muito limpo...

Clara – É a primeira vez que ouço falar de alguém que assalta o próprio psicanalista...

Vicky – Pois garanto-te que é completamente seguro. Pergunto-me se, no final, não tirei algum benefício...

O homem regressa, encharcado e com cara de poucos amigos.

Clara – E então?

Pedro – Não encontrei um pneu sobressalente no Twingo vermelho.

Clara – Não havia pneu sobressalente?

Pedro – Não.

Vicky – Não sabias disso?

Clara – Comprei esse carro em segunda mão. Não verifiquei se tinha pneu sobressalente.

Pedro (*lançando-lhe um olhar fulminante*) – Estou encharcado até aos ossos.

Clara – Ou talvez, não sei... Roubaram-me o pneu... Pode acontecer que roubem os pneus sobressalentes, não?

Vicky – Mas tu tens um pneu sobressalente, certo?

Pedro – Sim, mas não tenho um Twingo. E duvido muito que o pneu sobressalente do meu 4x4 sirva para um desses carritos de treta.

Clara – Por favor, cuidado com a linguagem!

Vicky – Não é por o senhor ter um grande...

Pedro – Recomendo-te que te cales, ou posso mesmo ficar zangado.

Vicky – Ok, não disse nada...

Clara – Estamos todos um pouco nervosos, é normal. Mas vamos acalmar-nos, ok? Isto não é assim tão grave.

Pedro – Fala por ti...

Clara – Alguém acabará por passar nesta estrada. Vai ver os nossos três carros, os pneus furados, e vai avisar a polícia.

Pedro – A polícia...

Vicky – Parece que não gostas da ideia... Não queres ter nada a ver com a polícia?

Pedro – Não tenho intenção de ficar aqui à espera que alguém chegue, é tão difícil de entender? (Tira o telemóvel e olha para o ecrã) Ainda não há rede...

Clara – E então? O que propões agora?

Pedro – Eu? Mas eu não vos proponho nada! Assim que a chuva parar, vou-me embora e deixo-vos a resolver isso sozinhas, é o que vos proponho.

Vicky – Muito cavalheiro, obrigada...

Pedro – Entretanto, vou beber alguma coisa, isso vai-me aquecer.

Aproxima-se do balcão e serve-se de um copo que esvazia de um trago, antes de começar a tossir.

Vicky – Sim, é mais uma bebida de homens...

Silêncio. Cada um senta-se numa mesa.

Clara – Já não se ouve a tempestade... (*Dirige-se à janela para olhar lá fora*) Parece que parou de chover...

Vicky – Já podes ir-te embora e deixar-nos à nossa triste sorte...

Mas o homem não parece ter pressa de sair.

Clara – Mudaste de opinião?

Pedro – Não consigo andar... Pelo menos, não por muito tempo... e não muito longe.

Clara – Porquê?

Vicky – Não me digas que afinal usas saltos altos...

Pedro – Tenho os pés chatos...

Clara – Pés chatos? Pensava que isso era só uma desculpa para escapar ao serviço militar...

Pedro – Infelizmente, há gente que realmente tem os pés chatos...

Vicky – Então, no final, estás condenado a ficar connosco. Que azar... (*Silêncio*) Se ao menos tivéssemos um baralho, podíamos jogar uma partida.

Clara – Queres que procure para ver se encontro um?

Vicky – Não, estava a brincar... Não tenho vontade nenhuma de jogar às cartas. Tens vontade de jogar às cartas?

Clara – Não, na verdade, não...

Clara começa a andar de um lado para o outro.

Pedro – Podias parar de te mexer assim? Estás a pôr-me nervoso.

Clara – Desculpa... (*Senta-se numa mesa e, de repente, parece perturbada*) Porquê esta mesa?

Vicky – Ok... Então, preferes que façamos um café filosófico? Porquê esta mesa? Porquê esta cadeira? Porquê existe algo em vez de nada?

Pedro – Onde está o pneu sobressalente...?

Vicky – E se a minha tia tivesse, seria o meu tio?

Clara – Não, quero dizer... Aqui há três mesas. Não sei por que me sentei nesta mesa em particular. Podia ter escolhido outra. Porquê esta, precisamente?

Pedro – O acaso, suponho... Que importa? Não vamos passar a noite a falar disto.

Clara – Como se fosse o meu lugar habitual...

Vicky – Habitual? Porquê? Costumas vir aqui muitas vezes?

Clara olha para o letreiro do bar.

Clara – O Bar do acaso... Tenho a certeza de que conheço este lugar também... Mas, como? Não consigo lembrar-me...

Vicky – O que eu gostaria era de poder esquecê-lo muito rápido...

Clara – Então, já estiveste aqui antes?

Vicky – Não sei...

Clara – Mas disseste antes que tu também...

Vicky – É um bar de estrada... Todos podemos ter parado aqui alguma vez, há muito tempo, com os nossos pais, a caminho das férias...

Clara – As férias... Já está, agora lembro-me... O Bar do acaso! Vim aqui com o acampamento de verão!

Vicky – Ah, sim?

Clara – Tu também?

Vicky – Sim, pode ser...

Clara – Foste tu que mencionaste antes os acampamentos... Porque a tua tia não queria receber-te em casa.

Vicky olha em volta.

Vicky – Sim, soa-me vagamente...

Clara – Claro! Foi aqui!

Vicky – Aqui o quê?

Clara – Aqui foi onde perdi a minha virgindade!

Vicky parece impactada.

Vicky – Não pode ser... Agora que falas nisso, eu também...

Pedro – Bem, estou a incomodar-vos?

Vicky – O acampamento! Era mesmo ali, na floresta. Estávamos tão aborrecidas... Viemos para cá, com os rapazes.

Clara – Para podermos beijar-nos sem sermos vistas pelos monitores.

Vicky – Ou com eles, às vezes...

Clara – Sim... E mais, se surgisse alguma coisa. No celeiro, ali ao lado...

Vicky (*olhando para a mesa*) – É incrível... Os nossos grafitis ainda estão nesta mesa...

Clara – Não me admira que tenha escolhido esta mesa instintivamente. Olha! Aqui está onde ele gravou os nossos dois nomes, com uma navalha... Clara e Pedro...

Vicky – Pedro?

Pedro – Pedro?

Clara – O monitor! Foi com ele... Bem, a minha primeira vez... Eu devia ter quinze anos... Ele tinha mais cinco...

Vicky – Tinha acabado de conseguir o título de monitor.

Clara – Então, tu também...? Estiveste no acampamento aqui?

Vicky – Não reconheci a aldeia. Naquela época, ainda estava um pouco habitada... Acho que também não foi por acaso que escolhi esta mesa... Olha... O meu nome também está gravado aqui... junto ao de...

Clara levanta-se e olha.

Clara – Pedro?

Vicky – Talvez não tenha sido no mesmo ano...

Clara – Foi no verão do meu último ano do secundário... Os outros tinham ido fazer uma caminhada noturna... para ver o fogo de artifício. A minha melhor amiga estava de castigo por mau comportamento. Eu fingi estar doente para ficar com ela. Como é que ela se chamava?

Vicky – Vicky.

Clara – Claro! Vicky! Eras tu! Não te teria reconhecido.

Vicky – Eu também não... Mudámos um pouco, imagino. Mas... também não me lembrava que fôssemos tão amigas...

Clara – A amizade é como o amor, nem sempre é recíproca...

Vicky – E o Pedro, o monitor, ficou aqui connosco para nos vigiar. Vês... Cuidou bem de nós...

Clara – De qualquer forma, estava isento da caminhada... porque tinha algo estranho.

Vicky – O que era mesmo...? Não era uma doença embaraçosa, mas algo parecido.

Clara – Ele tinha os pés chatos...

Vicky – Isso mesmo!

As duas mulheres viram-se para o homem.

Pedro – Muita gente tem os pés chatos. E garanto-vos que nunca na vida pus um pé aqui...

Vicky – Outra coincidência, sem dúvida... E suponho que também não te chamas Pedro, certo?

Pedro – Não... E também não tenho o título de monitor de acampamento...

Clara – Então, como te chamas?

Pedro – Se não se importam, prefiro esperar até nos conhecermos um pouco melhor para me apresentar.

Clara – Se nos tiraste a virgindade a ambas, pode-se dizer que já somos bastante íntimos...

Pedro – Digo-vos que não sou o Pedro e que nunca tirei a virgindade a ninguém... Que eu saiba... Em qualquer caso, não aqui... E, certamente, não a vocês.

Clara – Que cabrão!

Vicky – Sim... Nós tínhamos quinze anos e ele vinte. Isso já roçava a corrupção de menores.

Clara – Também não me violou, claro, mas enfim... Ele havia me jurado que me amava. Que eu era a única. Então você também...?

Vicky – Sí, também me dizia que só estava comigo. Que íamos nos casar. Eu era jovem. Acreditei.

Clara – Na verdade, pouco me importava aquele idiota. Só queria livrar-me disso. Tornar-me mulher.

Vicky – Sim. Foi na noite do fogo de artifício. Todos tinham ido ver.

Clara – Não? Não me digas que tu também... Então nós as duas... foi na mesma noite?

Vicky – Belos fogos de artifício... Mais parecia um foguete molhado...

Clara – Sim, é verdade... Também estava a chover nessa noite...

Vicky – Não, falo da minha primeira vez. Com o Pedro... Porque não eram só os pés que ele tinha chatos... Ainda hoje me pergunto como conseguiu estrear-nos às duas, uma a seguir à outra.

Pedro – E depois dizem que os homens são vulgares...

Vicky – Mas é verdade que estava a chover nessa noite.

Clara – Sim. Lembro-me...

Vicky – Então foi no mesmo ano... Na mesma noite...

Pedro – Nesta região, chove frequentemente no dia da festa nacional.

Vicky – De repente, pareces conhecer muito bem a zona... Pedro...?

Clara aproxima-se do balcão e pega no retrato.

Clara – Sabia que essa foto me dizia algo... Virginia! No fim, foi por ela que esse idiota nos deixou às duas. Lembras-te?

Vicky – Virginia... Era a filha da dona. Por isso é que está essa foto aqui...

Clara – É verdade que era bonita... Agora deve ter a nossa idade.

Pedro – Se tinha a vossa idade naquela altura, provavelmente...

Clara – Sim, era muito mais atrevida do que nós, mas fazia-se passar por uma santa.

Vicky – Foi assim que conseguiu enganar aquele tonto. Porque é preciso reconhecer que não era muito esperto.

Clara – Não muito esperto, mas sim muito motivado.

Vicky – Pergunto-me se não se terá envolvido também com a mãe dela.

Clara – Com a mãe dela?

Vicky – A mãe da Virginia! A dona do bar.

Clara – Esse tipo era um animal.

Vicky – Há que dizer que a dona também não era exatamente tímida.

Clara – É verdade.

Vicky – Segundo todos os rapazes do acampamento, bastava acenar com uma notinha.

Clara – Sim... A mesada deles ia toda para ali, mas valia mais do que as aulas de educação sexual da professora de ciências no colégio.

Vicky – E as práticas estavam incluídas no preço.

Elas riem-se, enquanto lançam um olhar para Pedro, visivelmente incomodado. Clara recupera a seriedade.

Clara – Houve uma história sórdida naquele ano, não foi?

Vicky – Sórdida? Referes-te ao facto de ele nos ter estreado às duas na mesma noite, um sátiro de pés chatos?

Clara – Alguém roubou a caixa do bar. Lembras-te?

Vicky – Sim...

Clara – Como só estávamos os três presentes nessa noite, acusaram o Pedro.

Vicky – Pobre...

Clara – Jurou que não tinha sido ele... Mas foi despedido...

Vicky – Sim...

Clara – Não me orgulho disso, mas é verdade que fiquei satisfeita... Como uma espécie de vingança...

Pedro – Vingança?

Clara – Ele deixou-nos às duas! Por causa daquela cabra da Virginia.

Pedro – Já percebi...

Clara – Disse que não me orgulho. Mas, enfim, não foi culpa minha que o tenham despedido quando não tinha sido ele.

Pausa.

Vicky – Fui eu.

Clara – O quê?

Vicky – Fui eu que roubei o dinheiro e fiz com que o acusassem a ele...

Pedro – O quê? (*As duas mulheres olham para ele, intrigadas com a sua súbita reação, e ele repete, em voz mais baixa.*) Quero dizer... o quê?

Vicky – Sabia onde a dona guardava a chave do armazém. Era tentador.

Clara – Mesmo assim...

Vicky – Ele tinha-me dado o isqueiro dele, com as iniciais gravadas. Deixei-o ao lado da caixa, no escritório trancado. Sabia que o iam acusar a ele. Também queria vingarme.

Pedro – Isso é monstruoso!

Vicky – Que te importa, se dizes que não és o Pedro?

Pedro – Só me parece completamente irresponsável, nada mais.

Clara (*a Vicky*) – Isto é uma brincadeira, não? Para o apanharmos? Fazer com que diga que é ele o Pedro?

Vicky – Quem sabe...

Clara – Em qualquer caso, nunca encontraram o dinheiro.

Vicky – E os meus pais nunca mais me mandaram para o acampamento.

Clara – A mim também não...

Vicky – Há que dizer que duas ou três raparigas voltaram grávidas esse ano.

Clara – Por causa desse obcecado sexual...

Pedro parece bastante perturbado.

Pedro – Vou sair para ver se ainda está a chover... e fumar um cigarro.

Ele sai. As duas mulheres olham-se.

Clara – Achas que é ele?

Vicky – O monitor? Não sei... Seria uma coincidência incrível que nos encontrássemos aqui os três.

Clara – Embora, bom... é o Bar do acaso...

Vicky – Tudo por culpa de uns pneus furados em série... E se não fosse acaso?

Clara – O quê?

Vicky – Pelo menos no que toca aos furos. Às vezes, a polícia espalha coisas para furar pneus quando montam bloqueios...

Clara – Por que motivo fariam um bloqueio?

Vicky – Que sei eu...? Talvez estejam à procura de um terrorista. Ou de um gangster.

Clara – Ainda assim, ele não tem ar de terrorista. E também não vimos polícias.

Vicky – Talvez já tenham desmontado o bloqueio e se tenham esquecido de recolher os pregos.

Clara – Pode ser...

Pausa.

Vicky – Ele deixou a mala dele.

Clara – Ah, sim...

Vicky – Desta vez, é agora ou nunca.

Vicky aproxima-se da mala e abre-a.

Clara – O que é que tem lá dentro?

Vicky – Não vais acreditar...

Clara – O quê?

Vicky – Dinheiro.

Clara – Dinheiro?

Vicky – Muito dinheiro.

Clara – Não pode ser... Então, realmente foi ele quem roubou a caixa do bar?

Vicky – Isso foi há trinta anos! E não havia o suficiente para encher um saco de notas, acredita.

Clara – Então, o que é todo este dinheiro?

Vicky – Também há uns planos... (*Tira alguns papéis e olha para eles.*) Os planos de um casino.

Clara – Um casino...?

Vicky – Um casino de jogos, onde se aposta dinheiro! Aposto que é o que ele roubou...

Clara – Ora essa...

Vicky – Nunca vi tanto dinheiro em espécie de uma só vez. Nem sequer na consulta do meu psicanalista...

Clara – Então ele é mesmo um ladrão...

Vicky – Aos vinte anos, acusaram-no injustamente. Talvez tenha decidido dedicar-se a isso, desta vez a sério...

Clara – O que fazemos? Chamamos a polícia?

Vicky – Lembro-te que não temos nenhum meio de comunicação, se não, não estaríamos aqui.

Clara – Ah, é verdade...

Vicky – Era melhor que fosses ver o que ele está a fazer...

Clara – Porquê?

Vicky – Para ver se ele não está a tramar alguma coisa má.

Clara – Algo mau? Por que eu?

Vicky – Ele detesta-me. Tenta entretê-lo um pouco.

Clara – Para quê?

Vicky – Faz o que eu digo, pelo amor de Deus! Pela nossa amizade... Lembro-te que eu era a tua melhor amiga.

Clara – Não estarás a pensar aproveitar-te para lhe roubar o dinheiro...

Vicky – O que achas?

Clara – Acho que és capaz disso. Roubaste ao teu próprio psicanalista.

Vicky – É verdade que isso também é dinheiro roubado...

Clara – Roubar dinheiro roubado continua a ser roubo?

Vicky – Receio que, em termos legais, chamem a isso encobrimento...

Clara – Vou...

Ela sai. Vicky aproxima-se do bar, tira umas pastilhas da bolsa, esmaga-as e deita o pó num copo. Quase é surpreendida pelos outros dois ao voltarem, mas não se altera.

Vicky – Ainda está a chover?

Pedro – Não...

Vicky – Começámos com o pé errado, tu e eu. Lamento sinceramente.

Pedro – Está bem... Não falemos mais disso...

Vicky – Vamos lá, brindemos todos juntos... Por este reencontro...

Clara – É incrível, não achas? Aqui, contigo, e as tuas duas ex... Só falta a dona...

Vicky – E a filha dela.

Clara – Não nos vais fazer o truque da avaria, pois não?

Vicky – Como para reacender a chama de duas virgens esquecidas, trinta anos depois...

Evidentemente, isto não agrada nada ao suposto Pedro. Vicky enche três copos e entrega um a Clara e outro a Pedro.

Pedro – Foste mesmo tu que roubaste esse dinheiro?

Vicky – Eu digo-te... só se me disseres que és o Pedro.

Pedro hesita.

Pedro – Está bem... Sou eu.

Clara – Isto é mesmo o destino! Dá um pouco de medo, não achas?

Ouvem-se os sons de fogos de artifício e vêem-se reflexos de luzes coloridas.

Pedro (*inquieto*) – O que é isso?

Vicky – Hoje não é o dia da festa nacional?

Clara – Outra coincidência...

Vicky – Um verdadeiro espetáculo de fogos de artifício... Uma espécie de comemoração, digamos.

Pedro – Agora é a tua vez de falar, Vicky... É como no póquer... Eu mostrei as minhas cartas, agora é a tua vez.

Vicky – Está bem... Sim, fui eu quem roubou a caixa do Bar do acaso.

Clara – Eu imaginava... Mesmo naquela altura, já imaginava...

Vicky – Não havia muito, na verdade. Foi bastante dececionante. Muito dececionante. Como a minha primeira vez com o Pedro. Mas bem, já vos disse... foi sobretudo por vingança...

Pedro – Vaca!

Clara – Tudo isso já é passado, não?

Pedro – Por tua culpa, expulsaram-me daquele acampamento. E nunca mais consegui trabalho como monitor.

Vicky – Quando te marcam como delinquente sexual...

Pedro – Se a minha vida acabou mal, foi por tua culpa, maldita cadela.

Vicky – Bem... Todos temos os nossos probleminhas...

Pedro – Vou estrangular-te...

Ele aproxima-se dela cambaleando, prestes a desabar, começando a sentir os efeitos do sonífero.

Clara – Meu Deus! Está a dar-lhe um ataque! Deve ser da emoção...

Pedro (*apoiando-se numa mesa*) – Não sei o que se passa comigo... Sinto-me tonto... Essa bruxa envenenou-me...

Vicky – Está a adormecer, são os soníferos.

Clara – Soníferos?

Vicky – Aqueles que pus no copo dele.

Clara – Mas por que fizeste isso?

Pedro desaba numa cadeira, adormecendo com a cabeça sobre a mesa.

Vicky – Ele queria estrangular-me!

Clara – Isto é um pesadelo... Não pode ser...

Vicky – Pois eu não penso em dormir aqui. Nem de pé, nem deitada...

Ela vai atrás do balcão, agacha-se e tira uma chave.

Clara – O que é isso?

Vicky – A chave do armazém. Continua escondida no mesmo sítio.

Clara – Sabias onde a dona escondia a chave...

Vicky – Sim.

Clara – Então, foste mesmo tu que roubaste esse dinheiro?

Vicky – Obviamente!

Vicky vai até à porta e abre-a.

Clara – Meu Deus, o que vamos encontrar atrás dessa porta? Os cadáveres do passado?

Vicky volta.

Vicky – Nem imaginas o quão perto estás...

Clara – O quê...?

Vicky – Tenho uma boa e uma má notícia.

Clara – Uma má notícia?

Vicky – Há uma mulher lá dentro. Enforcada ao telefone.

Clara – Acabará por desligar...

Vicky – Não, mas... Quando digo enforcada, é literalmente...

Clara – Não... Estás a brincar...

Vicky – Queres ir verificar? Mas aviso-te que não é agradável de ver. Ela enforcou-se com o fio do telefone.

Clara – Oh, não... É horrível... Diz-me que isto é um pesadelo... Que vou acordar...

Vicky – Nunca tinha visto um enforcado, e sim, é horrível.

Clara – Temos de chamar a polícia.

Vicky – Repito-te que não temos rede. E quanto ao telefone fixo, primeiro teríamos de a tirar de lá.

Clara – Ah, é verdade...

Vicky – Além disso, esta história começa a ser um pouco complicada de explicar à polícia, não achas?

Clara – Achas?

Vicky – Ora, vou resumir. Por acaso, depois de vários pneus furados, reencontro-me com o monitor que me tirou a virgindade há trinta anos, junto com a rapariga a quem ele também tirou a virgindade nessa mesma noite. Nessa época, acusaram injustamente esse monitor de um roubo que cometi para me vingar da sua infidelidade com a filha da dona, uma conhecida fulana. Esse cretino acabou de roubar um casino, mas estamos todos presos aqui porque ele tem os pés chatos... Continuo?

Clara – Tens razão... Eu própria já estou a perder-me um pouco...

Vicky – E isso que simplifiquei um pouco.

Clara – Mas quem é ela? A mulher que está lá dentro.

Vicky – Não tenho a certeza, mas diria que... é a Virginia.

Clara – Virginia? A filha da dona?

Vicky – De qualquer forma, embora esteja toda azul, parece-se muito com a rapariga da foto.

Clara – Meu Deus. Mas, o que faz aqui?

Vicky – Pode ser que tenha assumido o bar depois da mãe.

Clara – Quero dizer... o que faz aqui, enforcada?

Vicky – E que sei eu...?

Clara – Talvez tenha decidido enforcar-se depois de tu teres roubado a caixa do bar...

Vicky – O quê?

Clara – Talvez por causa disso o bar tenha falido. Ou a mãe dela tenha morrido.

Vicky – Mas isso foi há 30 anos!

Clara – Não sabemos... É o efeito borboleta... De um acontecimento a outro... Nunca voltou a ver o Pedro. Em vez de ir embora, deve ter ficado com o bar e dado aulas noturnas aos adolescentes do acampamento para chegar ao fim do mês... Talvez tenha sido isso que a levou a tomar essa decisão desesperada.

Vicky – Pode ser...

Clara – É horrível!

Vicky – É o destino, não podemos fazer nada.

Clara – Temos de encontrar uma maneira de avisar a polícia.

Vicky – Se chamarmos a polícia, o Pedro vai ser preso. Desta vez, por um roubo que ele cometeu mesmo.

Clara – É verdade...

Vicky – O melhor é darmos o fora daqui...

Clara – Mas como?

Vicky – Essa é a boa notícia. Encontrei mais uma coisa naquele armário...

Clara – O quê?

Vicky volta do armazém com um pneu.

Vicky – Um pneu sobressalente!

Clara – Não pode ser!

Vicky – E acredita, este pneu é a nossa roda da fortuna.

Clara – Como assim?

Vicky – Pegamos no dinheiro e fugimos...

Clara – Não podemos fazer isso...

Vicky – Lembro-te que esse tipo é um pedófilo. Abusou de nós há trinta anos.

Clara – Bem, enfim...

Vicky – Além disso, enganou-nos às duas com aquela vaca da Virginia. Querias vingar-te, sim ou não?

Clara – Sim, claro, mas...

Vicky – Essa fulana enforcou-se, e ele acabará na prisão por um assalto que cometeu de verdade. Enquanto nós vamos desfrutar do dinheiro dele em algum lugar dos trópicos. A vida não foi gentil connosco. Esta será a nossa vingança.

Clara – Achas mesmo?

Vicky – Queres realmente passar a tua vida como auxiliar de enfermagem? Acredita, é como com o meu psicanalista, ele não vai atrever-se a denunciar.

Clara – Não sei... Não parece muito moral, tudo isto...

Vicky – Se o destino nos juntou aos três esta noite no Bar Azar, não foi por nada, pois não?

Clara – Não sei porquê, mas confio em ti. E, além disso, tenho algo a confessar-te também.

Vicky – Ah, sim?

Clara – Admirava-te muito naquela época.

Vicky – E quando dizes admirar...?

Clara – Eras tudo o que eu não era. Atrevias-te a tudo...

Vicky – Pois vê bem, isso não me trouxe muitas coisas boas até agora.

Clara – Na verdade, se me deitei com o Pedro, foi só para fazer o mesmo que tu. Para me sentir mais próxima de ti.

Vicky – Ah, sim...?

Clara – Chegou o nosso momento, Vicky, desculpa. Vamos retomar o fio desta história onde ele se rompeu há trinta anos.

Ela aproxima-se de Vicky, que dá um passo atrás.

Vicky – Desculpa, mas estou um pouco perturbada... Afinal de contas,... Há uma mulher enforcada mesmo ao lado. O que é que a levou a cometer um ato tão desesperado?

Clara – Depois da expulsão do Pedro do acampamento, pode ser que ela tenha ficado anos junto ao telefone, à espera de uma chamada dele que nunca chegou.

Vicky – A sério...? Devias escrever romances...

Clara – E, desesperada, acabou por se enforcar com o fio do telefone...

Vicky – Sim... deve ser isso...

Clara – Tudo isto por causa daquela injustiça de que o Pedro foi vítima... por nossa culpa...

Vicky – Uma injustiça... Não exageres. Nem sequer houve julgamento.

Clara – Tens a certeza de que é a Virginia?

Vicky – Não sei... Parece-se muito com a mãe... Sobretudo agora...

Clara – Agora que está enforcada ao telefone?

Vicky – Agora que passaram trinta anos. Ainda pensas que ela é a jovem que enlouquecia todos os monitores quando estávamos no acampamento? E nós? Já te olhaste ao espelho? Também não rejuvenescemos... Se quisermos arranjar um gigolô, vamos ter que abrir os cordões à bolsa...

Clara – Não podemos deixá-los aqui sozinhos assim.

Vicky – Tens razão. Não somos monstros... (*Tira um maço de notas do saco e deixa-o na mesa onde Pedro dorme, desmaiado.*) Para o pessoal, como dizem no casino.

Clara – Há algo que eu não entendo...

Vicky – O quê?

Clara – Como é que ela conseguiu enforcar-se e fechar a porta atrás dela, deixando a chave no sítio?

Vicky – Queres que chamemos a polícia para tentar resolver esse mistério?

Clara – Tens razão, não é da nossa conta, afinal de contas...

Vicky – Mas se queres a minha opinião, essa rapariga não se enforcou sozinha...

Clara – E os pregos? Quem os colocou?

Vicky – Devem ser cúmplices.

Clara – Pedro e Virginia? Claro... Deve ser isso...

Vicky – Talvez ele a tenha matado e fingido um suicídio para ficar com todo o dinheiro.

Clara – E ela... Sabia que ele passaria por aqui depois do assalto e deixou os pregos para garantir que ele parasse aqui ao regressar, em vez de fugir com o dinheiro...

Vicky – Ou talvez seja o destino.

Clara – O destino?

Vicky – O Joãozinho deixava pedrinhas para encontrar o caminho de volta. Talvez o destino tenha deixado pregos para provocar este reencontro...

Clara – No Bar Azar...

Vicky – Acho que tínhamos um encontro marcado aqui.

Clara – É a fatalidade.

Vicky – Virginia... Agora lembro-me. Acaso, esse era o apelido da Virginia e da mãe dela.

Clara – E então também do pai dela. Claro... O Bar do Acaso...

Vicky – Como dizem, o acaso nem sempre faz bem as coisas.

Clara – Achas que somos responsáveis?

Vicky – Responsáveis pelo quê?

Clara – Do suicídio dela!

Vicky – Não sei, e não me interessa. Vamos, vamos embora...

Clara – Em que carro? No teu ou no meu?

Vicky – No meu só temos que trocar duas rodas.

Clara – Sim... mas o meu é quase novo.

Vicky tira uma moeda do bolso, lança-a ao ar e apanha-a com uma mão, tapando-a com a outra.

Vicky – Cara, o teu; coroa, o meu.

Ela revela a moeda.

Clara – Vamos.

Vicky – Pega na roda sobressalente!

Clara – Ah, sim, desculpa...

Elas saem, uma leva o saco e a outra a roda sobressalente.

Escuridão. Luz de novo.

Pedro acorda, sozinho. Vê o maço na mesa e percebe que o saco já não está.

Pedro – Malditas... *(Pausa)* Não irão muito longe, sabotei os travões do Twingo. O daquela cabra da Vicky. Essa descida é muito íngreme para sair daqui, e o precipício está mesmo ao lado da estrada... *(Levanta-se e dá uns passos cambaleantes.)* Falta saber em que carro vão colocar as rodas da fortuna...

Ouve-se um som de travões a chiar, seguido de um acidente.

Pedro – Afinal, há justiça... *(Pausa)* Mas isso não me diz como vou sair daqui... *(Dirige-se ao balcão e olha para o retrato.)* Virginia... É incrível o quanto se parece com a mãe, agora...

O telefone toca no armazém. Ele olha para a porta.

Pedro – A porta! Está aberta...

Ele vai até à porta, e fica imóvel no umbral. O telefone continua a tocar.

Pedro – O que faço? Atendo?

Entra no armazém. O telefone deixa de tocar.

Pedro – Olá?

Ouve-se a sirene de um carro da polícia e vêem-se as luzes refletidas.

Escurecimento.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Breves de palco
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Novembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-279-1

Documento para download gratuito